

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Dora Alves

ENTREVISTA

JOSÉ MANUEL DA GLÓRIA FREIRE DE OLIVEIRA nasceu na freguesia de São Sebastião, concelho de Lagos, em 1949. Completou o 9.º ano de escolaridade na Escola Industrial de Lagos. Profissionalmente, desempenhou funções na empresa Indústria de Mármore do Algarve (IMAAL) e foi técnico administrativo no Instituto de Emprego durante quarenta anos.

Desde as primeiras eleições autárquicas, realizadas a 12/12/1976, que é eleito para o exercício do poder local democrático. No mandato de 1977 a 1979, foi eleito para a Câmara Municipal de Lagos com funções de vereador, assim como no mandato de 1986 a 1989, 1990-1993, 1994-1997. Foi eleito membro da Assembleia Municipal nos mandatos de 1980-1982, 1983-1985, 1986-1989, 1990-1993, 1998-2001, 2002-2005, 2005-2009, 2009-2013, 2013-2017, 2017-2021 e 2021-2025.

Em 25 de Abril de 1974, José Manuel da Glória Freire de Oliveira vivia em Lagos e trabalhava em Portimão. Recebeu a notícia através da rádio.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000006

Título: Entrevista a José Manuel da Glória Freire de Oliveira

Data: 27/07/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo, Lagos.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:50:05

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Dora Alves

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 28/02/2024.

Unidade relacionada a ref.^{as}: PT/ML/AML/C/3/35/0000053-000079

Patrícia de Jesus Palma (PJP): Senhor José Manuel, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. O senhor José vivia em Lagos na altura de transição do regime?

JMGFO: Sim, vivia em Lagos, na Rua Dr. Faria e Silva.

PJP: Que memórias é que tem da cidade antes da revolução?

JMGFO: Quer dizer, tenho muitas memórias da cidade. A cidade, apanhei a cidade desde que comecei a me interessar por estes assuntos, ainda com a grande preponderância da indústria conserveira e das pescas. Portanto, a minha mãe era conserveira. Trabalhava na fábrica José de Abreu Pimenta, que ficava situada por cima da praia da Batata. Com a construção da avenida, essa fábrica foi destruída e a sua substituição foi feita ao pé da ponte D. Maria, onde é hoje o Pingo Doce. Foi feita uma nova fábrica de conservas dessa empresa, que tinha a marca da conserva SOGAL, que era Lagos ao contrário. Depois, conhecia as coletividades. Era sócio de algumas coletividades, frequentava algumas delas...

PJP: Antes do 25 de Abril?

JMGFO: Sim, antes.

PJP: E que coletividades eram?

JMGFO: Havia o Clube Artístico Lacobrigense, o Esperança de Lagos, o Marítimo, o Grémio Recreativo, ... Estas duas últimas já não existem e havia um conjunto vasto: o Metalúrgico, o Sport Lagos e Benfica, havia um conjunto vasto de coletividades. Nessa altura, os jovens juntavam-se no Esperança, que ficava no Largo do Monumento dos Combatentes da Grande Guerra, para jogar ao bilhar, ao *snooker*, matraquilhos... Era esse tipo de atividade.

PJP: Uma vida tranquila?

JMGFO: Sim. Alguns tinham futebol, outros tinham atletismo. Nessa altura, já havia esse tipo de atividades.

PJP: E a cidade era uma cidade industrial?

JMGFO: A cidade tinha passado de uma sociedade de quatro ou cinco latifundiários, que dominavam a vida na cidade, quatro ou cinco famílias, portanto, o Brak-Lamy, o Catalão, o Veloso, o Cabral... Eram quatro ou cinco, que tinham essencialmente a agricultura. Tinham vários quinteiros, tinham armazéns espalhados pela cidade e, depois, com o aparecimento da indústria conserveira, algumas destas famílias também se dedicaram à pesca. Compraram traineiras e associaram aquilo que era o principal modo de vida, que era o campo, a agricultura, com a indústria conserveira. Foi essa evolução que, a partir depois de finais de 60, princípios de 70, com o aparecimento do turismo, as primeiras coisas, principalmente, com o aparecimento da estalagem São Cristóvão, que deu depois no Hotel São Cristóvão, que apareceu com a construção da barragem da Bravura. Não havia onde instalar os engenheiros que lá trabalhavam e houve um habitante em Lagos, que era o senhor Hermano Baptista, que fez uma candidatura. Ele era motorista, carregava material, pedra para a barragem, conheci-o porque andei na escola primária onde a mulher dele também era professora, e fez uma pequena estalagem que foi alargando, alargando até que chegou a um hotel.

PJP: *Era onde a estalagem?*

JMGFO: Era no fim da avenida, na rotunda que vai para a ponte D. Maria, no lado esquerdo. Essa estalagem deu no hotel São Cristóvão, que era um hotel de cinco ou seis pisos. Com o aparecimento do turismo, foi construído o hotel da Meia Praia e o hotel de Lagos. E foi o aparecimento do turismo que, depois, com o enfraquecimento das conservas por um lado, a questão de muitas das pessoas que trabalhavam, mestres, foram também para outros sítios do país, outros para fora do país. O negócio não correu como pensavam e começou a indústria a fraquejar por todo o Algarve. Hoje, acho que há duas fábricas em todo o Algarve.

Em 1969, fui trabalhar para a fábrica IMAAL, que era uma fábrica de mármore.

PJP: *Ficava onde?*

JMGFO: As principais indústrias que havia, que era uma fábrica de cortiça, que se chamava CAFI, que ficava onde está hoje o edifício da Câmara novo, que tinha à volta de 300 trabalhadores, e depois era a IMAAL, que tinha à volta de 350 trabalhadores.

PJP: *Onde é que ficava esta?*

JMGFO: Ficava a caminho do Sargaçal. Ainda lá estão os pavilhões dessa fábrica. Quem vai na estrada nacional, 125, vira para o Sargaçal e é do nosso lado direito, a caminho do Sargaçal. A fábrica de cortiça, para além da cortiça, tinha também uma cerâmica, no início da estrada da Meia Praia, do lado esquerdo. Também tinha fabrico

de tijolos, de telhas, de cerâmica. Eram as três principais fábricas que existiam no concelho. Depois, havia umas mais pequenas, nomeadamente, moagens, lagar da Modir, Adega Cooperativa, atividades que já não existem. Ficou resumido essencialmente ao turismo e, cada vez mais, o turismo tem tomado por conta da economia local.

PJP: *Em termos políticos, antes do 25 de Abril, sentia-se na cidade alguma movimentação? Que memórias tem desse tempo?*

JMGFO: As movimentações eram alguns jovens que, às vezes, trocavam conversa e alguns livros. Essencialmente, algumas obras lá da Escola Secundária Gil Eanes, que se juntavam no Largo dos Combatentes, no Esperança... Naquele tempo, os jovens juntavam-se muito na rua. Iam a um café, tinham por hábito juntar-se, jogar aqueles jogos tradicionais de café que havia, a batalha naval, dominó, damas, etc. E essa conversa normalmente vinha...

PJP: *E trocavam livros entre si?*

JMGFO: Sim, alguns livros... Nomeadamente, Karl Marx e livros desse género.

A minha mãe costumava também, à noite, ouvir a rádio (transistor). Portanto, Lagos tinha tido uma tradição grande na luta das conserveiras e dos pescadores e dos cravadores, que era uma profissão das fábricas. Naquela altura, as latas eram cravadas uma a uma e com o aparecimento da mecanização, aquela profissão, que era uma profissão importante... Também houve greves nessa altura, das conserveiras, dos cravadores e dos pescadores das traineiras. Portanto, isso falava-se, tinha conhecimento. Uma tia, que viva na zona de São José - São José é aquela zona do antigo hospital - onde, por várias vezes, vimos pinturas na parede: “Liberdade para Álvaro Cunhal” e para os presos políticos...

Havia, assim, alguma ideia do ambiente político a juntar à insatisfação com a guerra colonial. E a minha mãe, já nessa altura, ouvia a rádio Portugal Livre, a rádio Moscovo, eram aquelas que se ouvia em casa. Sempre com medo que passasse alguém que ouvisse lá fora.

As casas eram, digamos – eu, até aos 26 anos, vivi em pleno centro da cidade, na rua onde fica o Centro de Ciência Viva -, sem luz elétrica, sem casa de banho... Era uma pia de despejo... As casas, no essencial, a grande parte das casas, era assim. Só, mais tarde, com o 25 de Abril é que foi dado um avanço enorme nas condições de vida, com a publicação do salário mínimo nacional e outras regalias para os trabalhadores. Aí é que

se notou depois um avanço grande na questão do equipamento das casas, em termos de fogões, frigoríficos, televisões... Havia muita dificuldade na aquisição desses bens!

Eu ainda sou do tempo em que tínhamos que nos deslocar a alguma distância para ir buscar cântaros de água, porque não havia água corrente em casa, apesar de vivermos ali numa zona plena do centro da cidade.

PJP: *Onde é que iam à água?*

JMGFO: Íamos à água a uma taberna (“Taberna do Pincarilho”) que vendia carvão, vinho, petróleo e água que se pagava “X” por cada cântaro.

PJP: *Não era, portanto, uma fonte pública?*

JMGFO: A fonte era mais longe.

PJP: *Então, optavam pela compra da água?*

JMGFO: Havia uma bica onde está hoje a bomba de gasolina, em plena avenida. Essa bica já não existe há décadas. Havia essa bica, que era a que ficava mais perto, e depois havia as chamadas “casinhas da água”, que eram uma na Praça de Armas, era outra junto às muralhas, na rua Infante Sagres. Eram duas ou três na cidade.

PJP: *Nessas, as pessoas podiam abastecer-se livremente?*

JMGFO: Sim, principalmente naquela lá em baixo ao pé do arco da muralha, na Praça de Armas. Tinha também um tanque para o gado vir ali beber. O pessoal do campo vinha ali com o gado para beber. Para além de ter a torneira para abastecer, também tinha o tanque onde o gado ali bebia.

PJP: *E as suas memórias do 25 de Abril e daqueles dias imediatos que se lhe seguiram? Do que se lembra?*

JMGFO: As minhas memórias é assim: eu trabalhava no Serviço Nacional de Emprego desde 1972. Ia todos os dias para Portimão. A memória que tenho foi, de manhã, às 7h30, começar a ouvir o comunicado das Forças Armadas. Fiquei depois a saber que o primeiro tinha sido por volta das 4h. da manhã. A partir daí, a primeira decisão foi não ir trabalhar. Havia o apelo a manter-se em casa, que não saíssem. Era dirigido a Lisboa, mas, alargado ao país e, portanto, lembro-me perfeitamente que não fui trabalhar.

Era uma quinta-feira e, depois, passada a parte da manhã, normalmente as pessoas, o pessoal dos 20 [anos] para cima, costumava comprar o jornal, e íamos comprar o jornal à Garrett, estabelecimento que ainda hoje existe, em frente à fonte [das sete bicas], que é uma reprodução da fonte antiga que ficava junto à Câmara e que abastecia de água a

população. Portanto, na Garrett havia jornais para o dia: havia matutinos e vespertinos e, normalmente, quem não ia de manhã, ia à tarde, e, com isto, às vezes, íamos de manhã e de tarde para vermos os cabeçalhos dos jornais expostos.

E, depois, aí, apercebi-me, da parte da manhã, já para o fim da manhã provavelmente, houve um grupo que se dirigiu para o Quartel. O Quartel estava fechado, vim a saber depois. Esse grupo eram pessoas, normalmente, que tinham já alguma ligação política, principalmente, o arquiteto José Veloso, que tinha sido candidato da CDE¹ em 1969. Depois, havia alguns republicanos daquela altura: o Sebastião Silva, que tinha a ourivesaria na esquina do Largo da Câmara... Havia ali quatro ou cinco pessoas. Havia o José Alexandre Rosa, que, mais tarde, abriu a PALINOVA, havia o José Luís da Glória, que era o dono da Garrett, o Jacinto C. Santos, que era o proprietário da loja de eletrodomésticos, que ainda está vivo. Destes, que eu disse agora, só o Jacinto e o José Veloso é que ainda estão vivos. Estão na casa dos 92, 93 anos. O José Veloso já está muito fragilizado². Essas pessoas juntaram-se e, depois – isto contado diretamente por eles e pelo José Veloso – empurraram o José Veloso para que fosse ele a bater à porta do Quartel e ficaram eles cá atrás, ao pé do hospital, e o Zé... lá foi bater à porta.

Isto porquê? Porque não se sabia nada sobre a posição da unidade de Lagos. Vim a saber, mais tarde, pelo relatório da unidade que foi transmitido para a Pontinha, para o Comando, vim a saber depois, que a unidade só tinha dado o sim da adesão às 5h30 da manhã, portanto até às 5h30 – posso logo contar isto pelo caminho que é - o contacto era o comandante da unidade. O comandante da unidade, na noite, houve ali problemas, não quis assumir o compromisso. Tiveram que assumir dois oficiais, que enviaram o relatório do CICA 5 de adesão ao M.F.A. eram, então, 5h30. Nessa altura, já tinha saído o primeiro comunicado, aí por volta das 4h00. Às 7h30 saiu outro. Portanto, por essa altura, já tinham saído três ou quatro comunicados do Movimento e não se sabia nada da unidade.

Pronto, o José Veloso bateu ao portão e foi recebido de braços abertos. Estavam à espera de haver alguém, da população, que quisesse saber... Entretanto, tinha havido um pelotão, uma unidade ali do Quartel que foi para, acho que às 7h30 da manhã, foi para tomar posição em lugar estratégico, na Fóia [*Monchique*], onde estavam as comunicações. E, portanto, o conhecimento que tive foi desta iniciativa. As pessoas começaram a discutir, a falar, um cidadão de Barão de São João, também, com um

¹ Movimento Democrático Português / Comissão Democrática Eleitoral.

² José Paulo Velho Geraldo de Albuquerque Veloso nasceu a 09/06/1930 e faleceu a 19/01/2024, em Lagos.

citröen de 2 cv pintado nas portas “Liberdade”, andar a correr a cidade e a apitar, que se chama Deodato Santos.

Lembro-me perfeitamente de, nessa altura, começar aqueles primeiros contactos, daqueles que se conheciam entre eles, para organizar um comício. E esse comício foi organizado no sábado, dia 27, e consta que foi o primeiro comício a nível nacional, que se organizou ao ar livre. Este comício está fotografado, e pode ser consultado na página da fototeca Municipal e até se podem identificar algumas pessoas que estavam no local.

Portanto, antes do 25 de Abril eu morava na rua Faria e Silva, que confina com a Rua dos Ferreiros, que liga à praça Gil Eanes. E, nessa rua, havia uma serralharia, que era de um homem chamado Luís Granito, e, em frente, morava um outro homem, que se chamava Joaquim Robalo, que era empregado de escritório da Adega Cooperativa. E eu lembro-me de a minha mãe me contar sobre a prisão deles pela PIDE. E, na minha juventude, de ver com alguma frequência a carrinha da PIDE, que era conhecida pela “ramona”, estacionada na Praça Gil Eanes, quando vinham prender alguém ou contactar os informadores. Depois, mais tarde, tive conhecimento de outros presos. Atualmente, não há nenhum vivo. Aqueles que passaram pelo Aljube, Caxias, por Peniche, não há nenhum vivo atualmente.

Depois, mais tarde, também viemos a saber que havia um preso de Lagos, natural de Bensafrim. Morreu no Tarrafal, na primeira leva, em 1937, quando foi a primeira leva da revolta dos marinheiros. Em Bensafrim, existe uma rua com o nome dele, que se chamava Joaquim Marreiros. Para além deste, são conhecidos mais três lacobrigenses presos no Tarrafal.

Assim, logo após o dia 25 de Abril, alguns antifascistas começaram a juntar-se, organizaram um comício e, pelas fotografias conhecidas, encheram o Largo Gil Eanes. Depois, os passos a seguir, o que me lembro disso, foi as pessoas se juntarem todas na Câmara para destituir o Presidente, que era o Abel Figueiredo Luís. Tinha sido meu professor de Matemática na Escola Industrial, para eleger uma Comissão Administrativa. Mas, a população era tanta que não cabia no salão da Câmara, nem na escadaria. Então, depois sugeri transferir aquela reunião para o campo de futebol na Trindade. Há aí uma fotografia, ou duas, ainda disso também. No campo de futebol, foi feita, portanto, a eleição da Comissão Administrativa. Foram eleitos cinco cidadãos para a Comissão Administrativa. Pronto, a partir daí, essa Comissão fez um comunicado à população também, para sossegar, acalmando a população e, a partir daí, começou, digamos, a movimentação mais em termos populares.

Os pescadores juntaram-se e foram ocupar a Casa dos Pescadores, que é onde é hoje a Segurança Social. As conserveiras também tomaram conta do Sindicato das Conserveiras. Era um edifício que tinha escola, tinha sido lá uma escola, portanto, também ali na baixa da cidade praticamente. E, depois, a partir daí, começou a juventude. Ocupou a Mocidade Portuguesa, que era na rua Lançarote de Freitas, onde é hoje a Pousada da Juventude e as instalações da Legião Portuguesa. Digamos, aqueles mais antigos ocuparam depois, também com o consentimento da Câmara, a Casa da Cultura, que é onde é hoje a Filarmónica 1.º de Maio.

Era um edifício com um palco ao fundo, uma sala grande, e, a partir daí, começaram a fazer as reuniões de discussão política, de trabalho, a discutir isto, aquilo, aqueloutro. Portanto, aquela Casa teve esse papel: onde se iniciou a consciencialização e a aprendizagem da democracia e da Liberdade do que tinha sido a ditadura e do que significava o 25 de Abril.

PJP: *E do que podia vir a ser a democracia.*

JMGFO: Sim, e daí para a frente. E essa sala servia para que qualquer força política, sindicatos e associações pudessem desenvolver as suas atividades públicas.

PJP: *Esse espaço acolhia todas as forças políticas?*

JMGFO: Sim.

PJP: *Isso é muito interessante.*

JMGFO: Aí se faziam as sessões de esclarecimento. Lembro-me de começarem os primeiros contactos para organização, enfim, dos partidos políticos. O primeiro a organizar um grande comício foi o P.C.P., porque já tinha alguma atividade e alguns militantes clandestinos, pelo menos, 8 ou 10.

PJP: *Onde é que reuniam?*

JMGFO: Depois, o primeiro passo foi arranjar uma sede, o que veio a acontecer na Rua dos Camachinhos.

PJP: *Foi aí a primeira sede?*

JMGFO: Sim, foi a primeira sede. Depois passámos para outra, na Praça Gil Eanes.

PJP: *E antes de ter a sede reuniam na casa de particulares?*

JMGFO: Esse posso dizer, porque participei numa primeira reunião, foi numa oficina.

PJP: *Numa oficina de quê? De carros, mecânica?...*

JMGFO: Numa oficina de pneus. E aí foi feita a primeira reunião. Estamos a falar de junho, por volta de junho.

Depois, criou-se também um Movimento Juvenil, que existia a nível nacional, no tempo da clandestinidade, que era o M.J.T., o Movimento da Juventude Trabalhadora. Também tinha iniciativas na Casa da Cultura. Na Casa da Juventude, quem, digamos, tinha ali sede era um outro grupo, era o P.U.P., o Partido da Unidade Popular. Também ainda existem algumas pessoas vivas, que participaram nessa força política. Um, principalmente, que está já muito fragilizado, era o José Domingos dos Santos. Foi professor e um dos fundadores da Electrolagos, da Cooperativa dos Eletricistas. Outro assunto que teve grande importância nessa altura foi o problema da habitação. Deu-se início ao levantamento das carências habitacionais e aos caminhos para combater a falta de habitação. Apareceram as primeiras ideias com o processo S.A.A.L. [*Serviço de Apoio Ambulatório Local*], a primeira legislação do processo S.A.A.L. Foi tomada aqui a iniciativa e foram começados a constituir bairros, associações de moradores, para a construção de casas, como o processo S.A.A.L. determinava. Foram construídos seis bairros na altura. Portanto, 230 casas em Lagos, no concelho.

PJP: *E qual era o ambiente que se viva nessas comissões, nessa mobilização, nessa participação, qual era o sentimento que animava as pessoas?*

JMGFO: O sentimento era um sentimento de liberdade, essencialmente. Liberdade! Pôr para fora o que sentiam, poder expor as dificuldades que tinham, as necessidades. E, aí, vinha ao de cima a grande pobreza que existia e, portanto, a partir daí, começou-se um pouco a orientar aquele tipo de descontentamento para soluções.

Portanto, em termos de habitação, o que é que havia naquele tempo? Apareceu este processo [SAAL]. Na altura, era secretário de Estado o Arquiteto Nuno Portas. Aqui foi constituída uma equipa, o José Veloso esteve à frente dessa equipa e começaram a dinamizar, a explicar o que era o processo SAAL, como se constituía uma associação de moradores, começaram a tratar dos estatutos, houve quem ajudasse a fazer os estatutos. Isso era discutido, eram horas e horas de discussão e, a partir daí, começaram a nascer as casas.

PJP: *E as pessoas sentiram que tinham o destino das suas vidas nas mãos?*

JMGFO: Basta ver o poema dos “Índios da Meia Praia”. É sintomático. Não é aquele que é cantado. Aquele que é cantado tem quatro ou cinco versos [*ie, estrofes*]. É o poema que foi escrito por Zeca Afonso e que foi oferecido ao Zé Veloso na mesa dum café, escrito à mão, que são à volta de 30 versos [*ie, estrofes*]. Portanto, a partir daí,

esse movimento das casas, houve outros, noutras áreas, que demorou mais algum tempo, que foi, por exemplo, a construção civil. Também houve um período grande de crise. Eles juntaram-se, criaram uma cooperativa operária, que era chamada C.O.C.C.L. – Cooperativa Operária de Construção Civil de Lagos, que chegou a ter quase 100 trabalhadores e obras em Lagos e nos concelhos vizinhos. Foram também criadas Cooperativas dos Eletricistas, dos Arquitetos e Desenhadores, dos taxistas, dos produtores de Leite e dos Fruticultores.

Portanto, houve assim várias movimentações, houve ali situações, mais tarde, que era, Lagos, por exemplo: como era o abastecimento do leite? Havia os leiteiros que tinham determinadas zonas da cidade e que, ao fim da tarde, vinham com as bilhas de leite ao laboratório que ficava no edifício da Câmara Municipal, onde, depois de analisado, era colocado um selo de chumbo na bilha e eles iam ao giro que tinham, porta à porta, fazer a venda. Depois, batiam à porta, a pessoa vinha com o fervedor e era assim que se processava a venda na década de 70.

Mais tarde, os produtores juntaram-se e, com o apoio do ministério da Agricultura, formaram uma cooperativa, acabando a venda ao domicílio. A Cooperativa criou postos de venda pela cidade. E isso foi um grande avanço em termos de higiene naquela altura. Corriam boatos acerca da qualidade do leite...

E houve também a tentativa de uma Cooperativa de Pescadores. Houve um grupo de pescadores que ainda começou a tratar da constituição de uma cooperativa, mas não chegaram ao fim, por falta de apoio. Portanto, houve assim diversas movimentações e foram criadas outras associações, no setor da habitação, fora do processo S.A.A.L., como foi o caso da Pró-Habitação e da União Faz a Força, para a construção de casas. Depois, começaram também a aparecer programas do Governo, de apoio para construções, em que a Câmara disponibilizava terreno e o governo financiava a construção. Como são o caso dos fogos construídos na rua Professor Joaquim Alberto Taquelim e na Praça da Paz (estes fogos foram construídos numa época de crise de trabalho na Construção civil, tendo sido atribuído a construção de um prédio a cada empreiteiro local, tendo sido criada uma Comissão administrativa da Câmara e feita a entrega dos fogos na Casa da Cultura), as Casas da Função e os fogos no Chinicato que substituíram as Casas Pré- Fabricadas.

PJP: *Para as famílias?*

JMGFO: Foi nessa atribuição de fogos que tive direito a um, passando, então, a saber o que era uma casa de banho com banheira.

PJP: *E começou a ter uma casa de banho...*

JMGFO: E passei a ter uma casa de banho.

PJP: *Essa mudança foi em 76?*

JMGFO: Para mim, foi em 76.

PJP: *E entre Abril de 74 e dezembro de 76, quando são as primeiras eleições autárquicas, há todo este período de transição, de mobilização de participação que acaba de descrever.*

JMGFO: Entretanto, aquela Comissão Administrativa esteve por pouco tempo e, depois, foi feita outra Comissão Administrativa, para preparar até às eleições. A primeira era presidida pelo Elói Correia Abreu, que tinha sido vereador do anterior regime, mas era um homem sério, honesto, um comerciante que tinham confiança nele. Depois, a segunda, foi, já participei nessa negociação, foi um bancário, mais tarde, foi vereador também da Câmara, que era, e é, também está vivo, pode dar um testemunho bom desse tempo, o Horácio Gomes.

PJP: *Que conduziu, então, até às eleições?*

JMGFO: Com participação dos Partidos, para a constituição da Comissão Administrativa. Foi conversado entre os Partidos e, depois, essa Comissão tinha a finalidade de preparar o processo eleitoral para a realização dos processos eleitorais, até às eleições para as autárquicas de dezembro de 76.

PJP: *E lembra-se bem?*

JMGFO: Eu lembro-me bem das primeiras eleições, porque fui eleito como vereador.

PJP: *Logo nas primeiras eleições?*

JMGFO: Sim, portanto, lembro-me bem. Tinha que me lembrar!

PJP: *E como foi essa altura de entrar, no fundo, naquela que é uma grande vitória, que é o poder autárquico? Como foi essa experiência?*

JMGFO: Foi uma experiência riquíssima! Quer dizer, basta dizer que as eleições realizaram-se sem haver uma lei de atribuições e competências. Portanto, só depois de já estarem eleitos é que veio uma lei de atribuições e competências. Ainda não havia uma lei de finanças locais. Havia, portanto, muita dificuldade em saber com o que é que contávamos em termos de dinheiros.

Os projetos e obras eram todos objeto de negociações e candidaturas com o governo. Foi, então, criado um gabinete de apoio, o Gabinete de Planeamento do Algarve, GAPA, uma estrutura descentralizada que foi presidida pelo arquiteto Rui Paula, que, mais tarde, veio trabalhar para Lagos. Esse Gabinete de Planeamento tinha controlo no ordenamento do território e nas candidaturas e financiamento das obras. Só em 1977 passou a existir uma Lei de Finanças Locais, sendo atribuída verba pelo Orçamento de Estado para os Municípios. Eu recorde-me, quando entrei na Câmara, a Câmara tinha um arquiteto, que ia lá uma vez por semana para ver se havia projetos, e dois funcionários administrativos. E era assim que funcionava os serviços técnicos. Então no edifício dos Paços do Concelho onde funcionava também a Repartição de Finanças e a Tesouraria.

PJP: *A Câmara tinha dois funcionários?*

JMGFO: Não, na secção das obras havia dois funcionários. A Câmara, naquela altura, estava dividida em dois edifícios, portanto, era um edifício onde se proporcionavam os serviços administrativos, que era nos antigos Paços do Concelho, na praça Gil Eanes, e tinha os serviços municipalizados de água, energia elétrica e saneamento.

PJP: *E esse edifício ficava onde?*

JMGFO: Ficava na Rua Vasco da Gama, junto à Central Elétrica. Esse quarteirão era ali escudado com um jardim, que era chamado o Jardim dos Amuados. Funcionou aí muitos anos, pegado com esses serviços municipalizados, faziam parte também integrante, existia a central elétrica, que fornecia eletricidade à cidade e aí trabalhavam as pessoas que tinham a ver com as obras, com a recolha do lixo, com a eletricidade, com o sector operário. Também foi outra experiência riquíssima, fiz parte do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados.

A Câmara mandava três vereadores. O presidente da Câmara indiciava três vereadores, um presidente e dois vogais, para administrar depois os Serviços Municipalizados. Portanto, o que é que apareceu no primeiro mandato? Apareceu as negociações para a EDP, o aparecimento da EDP, o levantamento de tudo aquilo que era municipal para passar para a EDP, que passou a pagar uma renda pela rede instalada. Até hoje isso mantém-se.

Depois, eram as reuniões. As reuniões eram públicas e semanais. Eram reuniões que começavam logo de manhã, fazíamos um intervalo para almoço, à tarde e, às vezes, prolongava-se pela noite. Todos os assuntos do município eram discutidos e deliberados em reunião de Câmara. Hoje, nem tem um mínimo de comparação com o

que é hoje o funcionamento da Câmara Municipal, neste caso, em Lagos. Porque, com a delegação das competências, tudo está centralizado praticamente no Presidente da Câmara. Naquele tempo, não havia esta descentralização das competências. Havia o cumprimento rigoroso da Constituição, que é: a Câmara é um órgão colegial e, portanto, como tal, funcionava colegialmente.

Todos os Vereadores tinham Pelouros atribuídos. Havia o atendimento ao público, nas reuniões, naquela altura, as necessidades eram muitas. Era o buraco, era a rua, era a casa, era a falta de luz, a falta de água. Isso tudo veio ao de cima e começou-se a tratar das primeiras necessidades ligadas ao saneamento básico. As primeiras candidaturas, primeiros estudos, tudo isto era novo, a necessitar de respostas urgentes.

PJP: *E as maiores dificuldades que sentiram nessa altura?*

JMGFO: Eram as necessidades que as pessoas tinham e a resposta a dar ao volume de necessidades que existiam. Isso era complicado. Logo após o 25 de Abril, foram criadas comissões de Moradores, tanto na cidade como nas freguesias. No caso da cidade, foi dividida em quatro ou cinco zonas e cada zona tinha uma Comissão de Moradores eleita pelos moradores e funcionava em coletividades.

PJP: *Essa Comissão ia representar junto da Câmara as necessidades?*

JMGFO: Sim. Tanto eu, na Comissão de que fiz parte, conjuntamente com o José Alberto Baptista, Joaquim Robalo, José Domingos, Fátima Santos, entre outros, tínhamos reuniões públicas no clube Metalúrgico. Moradores. Os assuntos que necessitavam de intervenção da Câmara eram encaminhados para a Comissão Administrativa.

PJP: *E que sentimentos o animavam nessa altura?*

JMGFO: Como já tinha alguma experiência em participar nas sessões da Casa da Cultura, como membro do Movimento da Juventude Trabalhadora, isso permitia-me ouvir as populações com responsabilidade e procurando sempre contribuir para a resolução dos seus problemas.

PJP: *Sentia que estava a construir uma coisa nova, diferente?*

JMGFO: Sim. Posteriormente, como eleito reforcei esse sentimento. No período de 75/76, também tive uma experiência que foi para mim uma coisa interessantíssima, que eu gostei imenso, que foi no Sindicato das Conservas dar, durante uns meses largos, dar aulas de alfabetização.

PJP: *Sim? Porque houve então as campanhas de alfabetização, à noite, em cursos noturnos...*

JMGFO: Sim, sim. Eu comecei com as conserveiras, a seguir ao 25 de Abril. Aí, então, já eram mulheres capazes de ser minha avó. E, então, era com o método de Paulo Freire, que era o método de se juntar vogais... E era importante, porquê? O sindicato tinha duas salas, eu com mais outra pessoa dávamos alfabetização. E, noutra sala, a professora Maria José Taquelim fazia a preparação de alunos para o exame da quarta classe para que, entre outros objetivos, pudessem tirar a carta de condução.

PJP: *E quantas pessoas reuniam essas sessões de alfabetização?*

JMGFO: À volta de umas 30 pessoas. Depois, ainda fui fazer também Almádena com uma pessoa de Almádena. Portanto, havia depois todas estas peripécias ao longo destes meses.

PJP: *Para emancipar as pessoas?*

JMGFO: Sim. Para contribuir para esse objetivo com vista à realização das pessoas. No início da minha atividade como eleito na Câmara Municipal, no mandato 76/79, a Câmara era composta por 5 eleitos do P.S. e 2 da então A.P.U., atualmente C.D.U. Nesta composição, havia apenas uma mulher, a professora Francelina Bomba. Eu, como era o mais novo, também tive a preocupação de criar ambiente de convivência. Íamos estar ali três anos, inicialmente os mandatos eram de 3 anos. Das primeiras coisas que eu disse foi: «- Meus amigos, estou habituado a tratar as pessoas não é pela categoria que têm, não é por ser o Senhor, portanto, se eu vos tratar por “vocês”, ou por “tu”, estejam à vontade comigo.» A partir de uma determinada altura, tratavam-se todos por “tu”, mas era interessante que, depois, entre eles com o presidente da Câmara, tratavam-se por Sr. Dr. Eram coisas engraçadas daquela altura.

Houve um período, logo a seguir ao 25 de Abril, de muitas manifestações na rua: conserveiras, corticeiros, portanto, a criação da Comissão de Trabalhadores da fábrica da cortiça, que fizeram várias lutas pela cantina, pela creche das crianças, por um refeitório, etc.

PJP: *Melhoramentos no local de trabalho?*

JMGFO: Sim, que não existia. As mulheres não tinham uma creche onde deixar as crianças, já havia, a obrigatoriedade de as empresas com mais de 50 trabalhadores dar resposta a esta necessidades. E conquistaram esses direitos, começaram a ter essas conquistas. As conserveiras com o salário mínimo, também foi mais uma grande

conquista, porque as conserveiras ganhavam à hora, iam trabalhar com o toque da sirene da fábrica, fosse a que horas fosse.

Portanto, tudo isso foram conquistas que foram conseguidas. Basta ver a legislação que foi publicada após o 25 de Abril: o direito de reunião, o horário de trabalho, o salário mínimo nacional, o direito a férias, etc. Com o salário mínimo nacional foi possível melhorar as condições de vida. No meu caso, foi possível adquirir eletrodomésticos. E outros bens para a casa. As pessoas começaram a equipar as casas com coisas que não tinham. Era totalmente diferente, estamos a falar do salário mínimo nacional que foi decretado equivalente hoje a 16,00€, mas, naquele tempo, era muito dinheiro.

PJP: *Então, para terminarmos, como sente o contributo que deu e tem dado para cumprir os valores de Abril? Quando olha para esse período o que é que mais o satisfaz enquanto contributo particular que deu?*

JMGFO: Isso é complicado, porque eu, desde as primeiras eleições até hoje, continuo a ser eleito. Portanto, eu sou eleito desde 76 até hoje. Ao longo destes 48 anos tem sido uma experiência de vida extremamente gratificante. Mas não posso deixar de referir que este contributo é integrado num trabalho coletivo do P.C.P. e da C.D.U.

PJP: *Cumprir diariamente Abril.*

JMGFO: Sim, 25 de Abril Sempre! Defendo e cumpro os valores de Abril com empenho. Portanto, eu não sou eleito só para levantar o braço e bater palmas. Estou lá para estudar os assuntos, propor, discutir... A minha função não tem sido de “amén”, de levantar braço, bater palma, não! É de participar. E de participar ativamente naquilo que achamos que é mais justo, mais correcto para o avanço do nosso concelho. Portanto, posso dizer que, se calhar, já participei até em mais de 1.000 propostas. É muito difícil estar agora dizer isto, aquilo, aqueloutro, mas há aspetos que são importantíssimos, que é a habitação, coisas que podíamos ter ido mais longe, não fomos. Houve um período em que se parou e hoje estamos a braços com problemas gravíssimos por esse interregno. As infraestruturas foi outro problema, foi outra coisa importantíssima naquela altura. A questão do porto de Lagos no início da década de 1980 também foi o mais importante, a questão das condições da pesca, dos pescadores, a luta pelo novo Hospital, portanto, há momentos marcantes ao longo do tempo.

PJP: *E desta época a que nos estávamos a referir, 1974 a 1976, guarda alguns documentos dessa época que pudesse vir a partilhar connosco?*

JMGFO: Que tipo de documentos?

PJP: *Cartazes, jornais, diários, correspondência, documentos de título pessoal, mas que possam ser partilhados, fotografias dessa época?*

JMGFO: Tenho poucas. Fotografias e alguma documentação, posso arranjar, posso mandar algumas.

PJP: *E de cartazes de eleições?*

JMGFO: Aquilo que tinha dei à Comissão Nacional de Eleições, que andou a recolher pelo país e dei-lhes o que tinha. Portanto, tenho fotografias do primeiro comício em Lagos realizado pela força política, neste caso, o P.C.P. no cinema que se realizou pouco tempo após o 25 de Abril. O cinema, na altura, levava 990 lugares, estava cheio a abarrotar. Portanto, havia uma sede das pessoas de saberem, conhecerem.

O relatório do CICA 5 com a adesão da unidade militar de Lagos ao M.F.A. Agora, daquelas coisas, digamos, documentos de trabalho daquele tempo, pouco.

PJP: *Isso seria muito interessante. Sr. José Freire, só temos a agradecer-lhe a sua disponibilidade e a partilha das suas memórias. Esperamos poder voltar a conversar sobre este e outros temas.*

JMGFO: Sim, senhora, quando quiser, esteja à vontade.

PJP: *Muito, muito obrigada.*

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a José Manuel da Glória Freire de Oliveira*. 2023-07-27. 15 p. Acessível com a ref.ª PT/ML/AML/C/3/35/000006 em <https://abrir.link/aWSeO>.